

IDE PRESS

DESIGN E EQUIDADE DE GÉNERO



DESIGN E EQUIDADE DE GÉNERO

Título: Design e Equidade de Género

Autores: António Gorgel Pinto
Helena Souto
Jacinto Estima
Joanna Latka
João Lacerda Matos
Rodrigo Morais
Sandra Rodrigues

Coordenação do volume: António Gorgel Pinto

Coordenação do design: Alexandre Magalhães (Studio lab)

Capa e paginação: Ilustração da capa - Maria Beatriz Fonseca, 2021
Design - Filipa Mendes (Studio lab)

Propriedade: O IADE - Faculdade de Design, Tecnologia e Comunicação
Este livro foi objeto de avaliação científica

ISBN: 978-989-53943-3-3 (PDF)

1ª edição: setembro, 2023





DESIGN E EQUIDADE DE GÉNERO

**A CRIATIVIDADE
DE MULHERES
DESIGNERS
DESDE
O MOVIMENTO
MODERNO**

EDITORIAL	8
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS	10
DESIGN E EQUIDADE	12
A CRIATIVIDADE DAS MULHERES DESIGNERS	
DO MOVIMENTO MODERNO	
ESCRITA CRIATIVA	14
ILUSTRAÇÃO	17
PROGRAMAÇÃO EM DESIGN	19
OPOSTOS DA VIDA	22
O ÚLTIMO DIA	25
TENS DE SER UM HOMEM	29
O AMOR SUPERA TUDO	33
MARA E AS NOITES MAL DORMIDAS	37
A GRANDE REPORTAGEM	39
CHIMPANZÉS E OUTROS TANTOS ZÉS	41
FRAGMENTOS DE UMA VIDA	43
FEMME FATALE	46
O PESADELO ETERNO	48
CONVÍVIO DE MULHERES	50
UMA QUESTÃO DE EDUCAÇÃO	52
O MEU GRANDE EXEMPLO	54
SONHAR PARA UM DIA VOAR	58
A MENINA QUE NÃO GOSTAVA DE BONECAS	60
DE TORTO A DIREITO	62



ANTÓNIO
GORGEL

PROFESSOR AUXILIAR

COORDENADOR DA LICENCIATURA EM DESIGN GLOBAL

EDI TORIAL

O projeto Design e Equidade de Género: A Criatividade de Mulheres Designers Desde o Movimento Moderno é fruto de uma sinergia de carácter educativo e criativo que foi desenvolvida no IADE – Universidade Europeia, no ano letivo de 2020/2021. A iniciativa envolveu um conjunto de unidades curriculares (UC) das licenciaturas em Design e em Ciências da Comunicação, bem como o projeto de investigação Women's Creativity Since the Modern Movement (www.momowo.eu), financiado pela Comissão Europeia. Trata-se de um projeto com uma matriz pluridisciplinar, cuja lógica reside na colaboração entre as disciplinas envolvidas sem que nenhuma tenha a função de coordenar. Neste caso, diferentes áreas do conhecimento, como a História do Design, a Escrita Criativa, a Ilustração e o Web design, estabeleceram uma cooperação horizontal, onde a investigação desenvolvida por cada uma contribuiu para o entendimento gerado nas restantes. A partir de um objeto de estudo comum, como o conceito de Design e Equidade de Género, as áreas curriculares envolvidas puderam contribuir com uma perspectiva própria, que, por um lado, valoriza o conhecimento na temática em questão como um todo, e, por outro, aprofunda o entendimento de cada território sobre a mesma problemática. No decorrer de um semestre, os alunos e alunas contribuíram para o desenvolvimento de um projeto editorial digital, que ocorreu de modo sequencial nas respetivas UC. O ponto de partida foi a Escrita Criativa, onde foram redigidos textos sobre a temática da criatividade de mulheres designers desde o Movimento Moderno,

de modo a suscitar o debate em torno das questões do design e da equidade de género. Seguiu-se a produção de ilustrações, no âmbito da UC de Ilustração, e o desenvolvimento de diferentes possibilidades de Web design, para o alojamento dos textos e das ilustrações, no contexto da UC de Programação em Design. A temática da publicação tem como base o projeto de investigação supracitado, no qual o IADE participa, sendo a responsabilidade científica de Maria Helena Souto. Movidos por este tema, e no âmbito de um projeto educativo experimental, denominado Práticas Pedagógicas, foi sistematizada a interação entre as UCs de Escrita Criativa, Ilustração e Programação em Design. Deste modo, são apresentadas as reflexões de cada docente sobre o trabalho desenvolvido em sala de aula e sobre os principais conceitos e conteúdos lecionados. A contextualização histórica e crítica, de acordo com o tema da criatividade de mulheres designers desde o Movimento Moderno, é apresentada por Maria Helena Souto, à qual se segue João Lacerda Matos e a forma como este conduziu os seus alunos e alunas no desenvolvimento de textos no formato específico de short story. Posteriormente, de acordo com a mesma lógica linear, é apresentada uma reflexão de Joanna Latka centrada na vocação da imagem para a transmissão de conhecimentos e emoções que comunicam com o consciente e o subconsciente do destinatário. Por último, António Gorgel e Jacinto Estima abordam a metodologia utilizada para a aprendizagem de linguagens de programação tendo em vista a criação do website.



PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

As Práticas Pedagógicas têm o intuito de trazer interações curriculares entre diferentes disciplinas das quatro áreas verticais do IADE - Universidade Europeia. A implementação desta estratégia de práticas pedagógicas inovadoras conta com a colaboração da Direção, das coordenações e dos regentes das disciplinas para desenvolvimento formal de projeto, desenvolvimento de briefing, análise de aplicação, verificação de pertinência curricular e acompanhamento de execução. O objetivo central é pautar o ensino promovido pela instituição nas (1) habilidades fundamentais; (2) no conhecimento através da prática e da reflexão ativa e (3) na transdisciplinaridade em conjunto com as habilidades de mercado. Este sistema pedagógico compreende que a ação de um

estudante vai além de apenas observar um ato criativo que materializa, de alguma forma, um determinado conceito. Nesse sentido, é importante perceber que o estudante atua coletivamente, inferindo significados a partir de interpretações prévias para um ato de criatividade que visa a efetivação de algo que ainda é abstrato. Mas de onde vêm essas abstrações? Quais são essas concepções que ainda esperam por se concretizar?

Ao questionar-se desta forma, é possível entender que essa atuação do estudante deveria se mostrar como um elemento de mediação entre um conjunto de conteúdos, que promove uma tradução entre a abstração e a corporificação social de elementos atuantes na cultura. Essa atividade de tradução revela a capacidade de usar diferentes

linguagens para possibilitar a expressão de algo que é um conteúdo à procura de uma forma de expressão. Em outras palavras, o estudante se torna um intérprete e produtor de conteúdos por meio de uma forma de expressão que torna esses conteúdos mais acessíveis. E é assim que o estudante deve ser entendido como formador social de cultura; o vetor que guiará, por meio de diferentes linguagens, as possíveis realidades que serão ofertadas em determinados contextos.

É exatamente por isso que cada estudante, além de se entender como atuante social, deve racionalizar sobre sua atuação como promotor de um contexto social; um produtor de realidades. Sendo assim, quais são as realidades que pretendemos criar? Quais são as responsabilidades socioculturais que carregamos conosco? Qual é o universo que criaremos na intenção de incluir todas as essências e vivências? Cabe a todos nós, professores,

estudantes e instituição, sabermos o que o mundo pode se tornar. Como também é nossa responsabilidade usarmos as ferramentas que temos para alcançar novos pontos de vista em nossas atuações como seres humanos. Pois, assim, salvamos existências a partir das mais diferentes resistências.

É com as Práticas Pedagógicas que o IADE se coloca como uma instituição que de fato promove a área criativa. Mas o que de fato isto significa? *Charles Sanders Peirce*, em um de seus mais de 80.000 manuscritos, propôs que “devemos considerar a atividade criativa um atributo inseparável de Deus” (CP 6.506). Seria isto, então, um dom? Talvez muitas pessoas realmente enxerguem a criatividade como atributo para poucos. Porém, devemos lembrar que, independente de nossas cores, crenças, culturas ou qualquer orientação individual, o coração que bate dentro de

nossos peitos é igual. Não existem características exclusivas de alguns...

o que *Peirce* propõe é que a criatividade e o ato de executá-la são, na realidade, uma unidade. Esta é a unidade que nos une. Sim, somos criativos porque somos humanos. A atividade criativa é um ato de equidade e é isto que faz com que estejamos aqui uns pelos outros.

É isto que faz com que o IADE esteja aqui por todos nós; olhando para os 50 anos desde a implementação das áreas criativas em Portugal e colaborando para os próximos 50, 100, infinitos anos que se vislumbram para aqueles que pretendem tornar o mundo em um ambiente no qual todos sejam participantes de uma consciência de caráter coletivo.

RODRIGO
MORAIS

COORDENADOR DAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS
COORDENADOR DO MESTRADO EM DESIGN E PUBLICIDADE

DESIGN E EQUIDADE

A CRIATIVIDADE DAS MULHERES DESIGNERS DO MOVIMENTO MODERNO

Através de fenómenos epistemológicos e institucionais profundamente enraizados, as sociedades permanecem imbuídas de masculinidade que pode manifestar-se por formas mais ou menos difusas, segundo os lugares e as situações socioeconómicas. A falta de consciência sobre o carácter representacional das mulheres nas diferentes profissões - sejam artísticas ou outras -, faz parte de uma ausência maior das mulheres entre as responsáveis por essas representações, espelho da natureza assimétrica do mundo. A História, como outras instituições poderosas, foi concebida e desenvolvida em torno dos homens. São necessários actos que reequilibrem a História e a História do Design: inventariar as genealogias de mulheres, referenciar as influências femininas e as suas obras determinantes, implica lançar a luz e o conhecimento sobre a real produção feminina.

Tome-se como exemplo o estudo do movimento moderno: ao construírem-se narrativas paritárias das actividades masculinas e femininas, está a pavimentar-se uma infra-estrutura de reputação e prestígio que conduzirá a uma apreciação mais justa das obras contemporâneas criadas por mulheres. Retirar-se da sombra a criatividade das mulheres é desconstruir as Grandes Narrativas que ocultam os seus trabalhos profissionais ou os qualificam de menores e subsidiários. Além do preconceito de género e a uma espécie de cegueira para com os contributos da criatividade individual das mulheres, também existe uma recusa em reconhecer a paridade na colaboração do processo de design. Tome-se como exemplo os casos das designers *Lilly Reich*¹ (1885-1947) ou de *Charlotte Perriand*² (1903-1999) nas suas relações de trabalho, respectivamente, com *Mies van der Rohe* (1886-1969) e *Le Corbusier*

(1887-1965): durante décadas surgiram frequentemente nas histórias do design como o “outro” passivo face ao criador e produtor masculino, os sujeitos activos.

Embora esses exemplos sejam hoje mais estudados e, logo, mais reconhecidos, ainda existem muitas mulheres designers criativas que permanecem na sombra, especialmente em países onde o design foi implementado tardiamente como uma disciplina autónoma. Este é o caso do design português: por estarmos perante um país com um processo industrial tardio associado a um atraso tecnológico e à existência de uma longa ditadura (1926-1974) assente numa agenda isolacionista e economicamente proteccionista, a afirmação do design em Portugal foi tardio e só aconteceu no contexto do Pós-II Guerra Mundial³.

Para essa afirmação, as experiências efectuadas pelas criadoras do movimento moderno em Portugal, sejam as de *Maria Keil*⁴ na Viúva Lamego em azulejaria,

as de *Hansi Staël*⁵ no Estúdio da SECLA ou as de *Miria Toivola*⁶ também na SECLA e ainda na SPAL na cerâmica tridimensional, continuam a ser uma fonte de estudo e inspiração para as novas gerações de arquitectas e designers. As criadoras em Portugal e as designers em particular, devem-lhes a afirmação da criatividade do feminino que se consubstanciou simultaneamente com a confirmação do design que nos anos de 1960-70 ganhará a sua carta de “Alforria” no País.

Para tanto, no contexto das suas acções no INII - Instituto Nacional de Investigação Industrial, muito contribuiu Maria Helena Matos⁷, nomeadamente através da organização da 1a e 2a exposições de design português realizadas respectivamente em 1971 e 1973, exactamente há 50 anos.

MARIA HELENA SOUTO

PROFESSORA ASSOCIADA

¹ Entre os vários projectos importantes desenvolvidos pela designer alemã *Lilly Reich* em parceria com o arquitecto *Mies van der Rohe*, estão o pavilhão alemão da Exposição Internacional de Barcelona (1929) e a casa Tugendhat, em Brno (actual República Tcheca, 1930). Para estes espaços desenvolveram várias peças de design que, como a cadeira “Barcelona” e a cadeira “Brno”, se tornaram ícones do design moderno. Em 1932 *Lilly Reich* desempenhou também um importante papel na Escola Bauhaus quando *Rohe*, enquanto terceiro (e último) director da Escola, a nomeou responsável pelo departamento de construção e pela oficina de tecelagem na Bauhaus de Dessau. Após a 2ª Guerra, Reich ensinou design de interiores e teoria da construção na Universidade de Artes de Berlim e dirigiu um estúdio de arquitectura, design, têxteis e moda em Berlim até sua morte em 1947. Sobre *Lilly Reich*, ver *Stella, A.* (2016). “*Lilly Reich. Berlin, Germany, 1885-1947*”, in *MoMoWo: 100 Works in 100 Years. European Women in architecture and Design. 1918-2018. Ljubljana and Torino: ZRC SAZU, pp. 57-58.*

² *Charlotte Perriand*, entre 1920 e 1925, frequentou a *École de l'Union Centrale des Arts Décoratifs*, onde estudou desenho de mobiliário. Tornou-se conhecida em 1927, com 24 anos de idade, através do projecto do seu *Bar sous le Toit* em aço cromado e alumínio anodizado, apresentado no *Salon d'Automne* desse ano. Logo a seguir iniciou seu percurso de mais de dez anos junto aos arquitectos *Le Corbusier* e o primo deste, *Pierre Jeanneret*. A partir da estreita colaboração entre os três, graças a uma coerência entre interiores, mobiliário e arquitectura, os espaços interiores modernos afirmaram-se, ficando a dever-se a *Charlotte Perriand* o design das peças que reflectiam

definitivamente o carácter modernista do tempo. Em 1937 abandonou o escritório de *Le Corbusier*, e voltou sua atenção para pesquisas mais orgânicas, dedicando-se à investigação no campo da pré-fabricação e modularidade na habitação em colaboração com o designer (autodidacta) *Jean Prouvé*. Colaborou ainda com outros arquitectos, como os brasileiros *Lúcio Costa* e *Óscar Niemeyer*, tendo vivido no Brasil entre 1963 e 1969. Sobre *Charlotte Perriand*, ver *Bonnet, A.* (2016). “*Charlotte Perriand (1903-1999)*”, in *MoMoWo. Women. Architecture & Design Itineraries across Europe. Ljubljana and Torino: ZRC SAZU, pp. 105-106.*

³ Cf. *Souto, M. H.* (2016). “*Portuguese Design*”, in *Clive Edwards (ed.), The Bloomsbury Encyclopedia of Design (London, New York: Bloomsbury Publishing), Vol. 3, 71.*

⁴ Sobre *Maria Keil*, ver *AA.VV.* (2014). *Maria Keil – De Propósito, Obra Artística*. Lisboa: Museu da Presidência da República - Imprensa Nacional-Casa da Moeda. Sobre *Hansi Staël*, ver *Ferrão, R.* (2014). *Hansi Staël: Cerâmica, Modernidade e Tradição*. Lisboa: Objectismo.

⁵ Sobre *Miria Toivola*, ver *Souto, M. H.* (2018). “*Craftswomen and Designers in Portugal: Improbable Paths*”. In *MoMoWo - Women's Creativity since the Modern Movement. An European Cultural Heritage (Emilia Garda, Caterina Franchini coord). Turin: Politecnico di Torino, 2018, pp. 218-224.*

⁶ Sobre *Maria Helena Matos*, ver *Souto, M. H.* (2016). “*Maria Helena Matos. A Woman Leadership in Portuguese Design on the Late New State's Dictatorship*”, in *MoMoWo: 100 Works in 100 Years. European Women in architecture and Design. 1918-2018. Ljubljana and Torino: ZRC SAZU, 2016, pp. 277-278.*

No ano letivo de 2020/21 a unidade curricular de Escrita Criativa, inserida no 4º semestre da licenciatura de Ciência da Comunicação contou com 50 alunos inscritos, divididos em duas turmas (T01 e T02). O objetivo para o início do semestre era a criação de uma short story, que fosse o conteúdo base para o projeto de sinergia com as unidades curriculares de Ilustração e Programação em Design. Desde logo, a criação deste conteúdo implicava uma abordagem académica sobre o formato específico da short story e as suas características narrativas. Pelas suas características, a short story é o género literário que mais se aproxima do jornalismo, e também por essa razão está presente em publicações periódicas, dedicadas a géneros jornalísticos mais literários – denominados de “*New Journalism*” nas décadas de 1960 e 1970 por

Tom Wolfe. O facto de ambas as turmas terem cursado a UC de Fundamentos do Jornalismo no 2º semestre da licenciatura onde esse tema foi abordado, foi essencial para uma compreensão eficaz do projeto em mãos. O número de alunos foi o primeiro desafio à execução do projeto. A opção da realização de trabalhos individuais iria produzir uma quantidade demasiado grande de trabalhos, o que dificultaria a escolha em tempo útil. A decisão tomada foi a de dividir a turma em duplas criativas. Este modelo permitia testar um modelo aprendizagem colaborativa ao longo do trabalho que antecederia a concretização da short story. Para a realização do projeto, os alunos teriam de compreender e experimentar os elementos básicos do storytelling – estrutura narrativa, personagens, descrição, mundo da história – por forma a terem as ferramentas necessárias para orientarem a sua

criatividade e que lhes permitissem concretizar em forma de texto as suas ideias. Os prazos de entrega da primeira fase do projeto, a meio do semestre, colocavam um desafio adicional, tornando-se essencial, a cada passo da aprendizagem proporcionar às duplas exercícios práticos que auferissem da sua evolução na escrita e permitissem um diagnóstico por parte do docente e um rápido feedback que colmatasse possíveis falhas ou carências. Dessa forma criaram-se exercícios práticos para cada uma das fases. Os exercícios deveriam ser realizados em aula. Na maior parte dos casos os exercícios seriam lidos e comentados em aula pelo docente e pelas outras duplas criativas, por forma a manter um debate e um diálogo constante sobre a evolução do trabalho.

ESCRITA CRIATIVA

OS SEGUINTE EXERCÍCIOS FORAM PROPOSTOS E REALIZADOS PELOS ALUNOS:

1 CRIAR O INÍCIO DA HISTÓRIA

Sendo dado o final de uma narrativa é pedido ao aluno que crie o início.

Entrega: Um texto de um a dois parágrafos.

Objetivo: Entender os diferentes momentos do enredo e conseguir completar uma história cujo final conhecemos.

Resultados: As duplas demonstraram uma compreensão rápida da estrutura narrativa e de uma forma geral cumpriram bem o exercício. Serviu também de diagnóstico das qualidades de escrita de cada dupla. Notou-se uma dificuldade na utilização dos tempos verbais, em especial na mistura entre os tempos Pretérito Imperfeito (o mais vulgar na narrativa clássica) e o Presente (mais contemporâneo). Esta dificuldade foi uma das prioridades da tutoria em relação aos trabalhos em aula e ao projeto final.

2 CRIA A PERSONAGEM

São dadas fotografias de pessoas em diferentes ambientes e o aluno deve criar uma personagem baseada na imagem.

Entrega: texto de um a dois parágrafos.

Objetivo: desenvolver a criação de personagens originais através da observação de pessoas reais e da capacidade de criação de realidade e características alternativas coerentes e verossímeis.

Resultados: O exercício foi realizado já em modo de confinamento e durante duas sessões. O incremento na escrita foi notório na maioria das duplas, bem como a compreensão de que as short stories – em especial as subordinadas ao tema da equidade e igualdade de género – ganhavam uma maior dimensão se fossem “character driven”, ou seja baseadas em personagens fortes e credíveis. Na linha do que defende Lajos Egri¹ os leitores criam uma relação mais forte e mais orgânica com as personagens e são as personagens que, mais do que a estrutura, orientam a leitura, compreensão e engajamento, do leitor com a obra.

3 PREENCHE OS TRÊS MOMENTOS

São dados três momentos de uma história. O aluno deve preencher os passos que separam cada momento.

Entrega: um texto escrito de pelo menos 4 parágrafos.

Objetivo: aplicar os diferentes momentos da evolução de uma personagem numa narrativa, tal como descritos por Joseph Campbell² e C. Vogler³, criando momentos narrativos que se conjugam e que vão em crescendo, envolvendo o leitor na história e criando antecipação e curiosidade para o desfecho final.

Resultados: Neste primeiro ensaio de uma narrativa completa, as duplas já integraram as ferramentas apreendidas na construção da narrativa e na criação de personagens, centrando-se no desenvolvimento e evolução da personagem numa linha de história. A maior parte das duplas usou o exercício para ensaiar já uma narrativa complexa, corrigindo os erros na utilização dos tempos verbais.

4 DESCREVE O LOCAL

São dadas duas fotografias e o aluno descrever o local representado através dos 5 sentidos.

Descrição: Sendo dado o final de uma Narrativa é pedido ao aluno que crie o início.

Entrega: Texto de dois parágrafos.

Objetivo: desenvolver a capacidade de criação de mundos de história e de descrição de locais, aplicando os 5 sentidos para criar uma narrativa complexa e com texturas diferentes.

Resultados: O exercício foi realizado já durante o segundo confinamento da Covid 19 (Janeiro a Maio 2021) e por isso teve um aspeto libertador e introspetivo, diferente do que se tivesse sido realizado em aulas presenciais. Normalmente os alunos são primeiros mais objetivos na descrição e depois juntam as emoções. O facto de estarem privados da liberdade de deslocação levou a que, desde logo, incluíssem as emoções de poder viajar e visitar locais diferentes nas suas interpretações, o que facilitou a realização do trabalho. A descrição, sendo um dos vetores básicos das narrativas, foi apreendida pelas duplas como a ferramenta derradeira para estarem aptos a realizar o projeto da short story. Na altura da resolução do exercício as debilidades de escrita e os erros estavam já sinalizados e estavam a ser debelados.

5 A PERSONAGEM NO SEU MUNDO

A personagem desenvolvida no exercício 2 deve agora ser introduzida e interagir com o universo descrito no exercício 3.

Entrega: Um texto de pelo menos 5 parágrafos.

Objetivo: Adaptar as características da personagem criada ao local construído pelos sentidos, adaptando a sua reação aos desafios que o local lhe coloca e descobrindo quais os conflitos que se revelam eficazes para a criação de um momento narrativo.

Resultados: Após a palestra o webinar “A Criatividade de Mulheres Designers Desde o Movimento Moderno” da Prof Helena Souto, as duplas criativas optaram por utilizar o último exercício para maximizar o tempo de entrega dos trabalhos e fazerem um primeiro draft do que seriam as suas short stories. A ideia, proposta em aula e aceite pelo docente, proporcionou às duplas criativas terem mais tempo para afinar as short stories e conseguirem cumprir o deadline de entrega dos trabalhos. Na opinião da docência, os métodos de trabalhos mostraram-se adequados ao desafio proposto. Os alunos reagiram bem aos desafios e à combinação de aulas de teor mais teórico com exercícios práticos semanais. O resultado final foram textos originais que não só responderam ao tema proposto como foram bem recebidos pelos alunos de Ilustração, que se identificaram com as ideias e as abordagens propostas de forma mais orgânica. A participação na sinergia deu aos alunos de Escrita Criativa bases mais sólidas de storytelling, que durante o resto do semestre se mostraram essenciais para a progressão do trabalho na UC e para a apresentação de trabalhos finais mais completos, o que se refletiu numa melhoria substancial das médias finais.

ILUSTRACÃO

Vivemos numa era visual em que a imagem desempenha um papel importante na comunicação interpessoal. A imagem tornou-se um portador de informações, conhecimentos e emoções, afetando o subconsciente do destinatário.

A multiplicidade de imagens que cercam as pessoas de todos os lugares, moldam as suas sensibilidades, pensamentos e percepção do mundo, fazendo que abandonemos assim, cada vez mais, a comunicação verbal substituindo-a pela pictórica, visual.

Tendo isso em conta, a Ilustração adquire aqui um papel determinante quando se passa da representação descontextualizada à representação ou apresentação de uma mensagem. Como explica Hans Belting (2014) a “imagem” é mais do que um produto da percepção.

Surge como o resultado de uma simbolização pessoal ou coletiva. Tudo o que comparece ao olhar ou parente o olho interior pode deste modo aclarar-se da imagem ou transformar-se numa imagem. Por isso, o conceito de imagem, quando se torna a sério, só pode ser, em última análise, um conceito antropológico. Vivemos com imagens, compreendemos o mundo através de imagens.

Esta referencia viva à imagem prolonga-se e persiste, por assim dizer, na produção imaginal física, que organizamos no espaço social; semelhante produção relaciona-se com imagens mentais, à maneira da pergunta e dar resposta, para utilizamos uma fórmula habitual”. Tendo isso em conta, a inserção da disciplina de Ilustração, integrante da área criativa da Licenciatura em Design, permite abordar uma série de conteúdos formativos que possibilita ao aluno um domínio dos conceitos fundamentais da linguagem plástica, articulados com uma experimentação técnica e projetual, tanto quanto possível criadora.

Neste sentido, queremos que esta disciplina abra espaço para um entendimento mais abrangente

da produção criativa, nas suas componentes artística e cultural. Permite, por isso, um desenvolvimento do espírito crítico propiciador da pesquisa e do tratamento de todas as formas de informação visual, da investigação sobre materiais, suportes e instrumentos e um interesse despido de preconceitos sobre as manifestações e fenómenos artísticos, sejam de que natureza forem.

Nesta perspectiva, as sessões de UC de Ilustração foram criadas de modo a proporcionar ao aluno o desenvolvimento e o aprofundar das suas capacidades expressivas, criativas e artísticas, tal como aprofundar os meios teóricos e práticos fundamentais em Ilustração, estimulando nesse desenvolvimento a capacidade de autoaprendizagem e de pensamento criativo, criando competências para a capacidade de seleção, de síntese e de análise na área da Ilustração, juntamente com o desenvolvimento conceptual, estético e técnico de cada aluno.

Neste contexto, à semelhança de anos anteriores, foi criado o projeto interdisciplinar entre UC de Ilustração e UC de Escrita Criativa, que no ano letivo 2020-2021, incluiu ainda a colaboração e de UC de Programação em Design, embora essa última ligação, na perspetiva de trabalho ilustrativo, não foi em colaboração direta. Portanto, no âmbito dessa parceria entre estas Unidades Curriculares foi lançado o projeto com o tema Design e Equidade de Género:

A Criatividade de Mulheres Designers Desde o Movimento Moderno, onde os alunos de Ilustração estiveram a desenvolver uma adaptação dos textos (short story), sobre os temas relacionados com igualdade de género, escritos pelos seus colegas de UC Escrita Criativa, que elaboraram as suas histórias no início do semestre, textos esses que posteriormente foram entregues aos jovens ilustradores.

No caso de UC de Ilustração, o projeto foi constituído por trabalhos produzidos pelas quatro turmas (M3, M4, T3 e T4) do segundo semestre do 2º ano da Licenciatura em Design, e efetuados sobretudo nas técnicas analógicas da ilustração contemporânea, sendo que também se encontra neste conjunto, apresentações criadas em técnicas mais ambiciosas tais como de gravura em linóleo. Como já foi mencionado, os alunos tiveram como o objetivo principal criar uma adaptação da narrativa e short story, que se apresentasse no resultado final com três ilustrações finais produzidas em diversas técnicas com dimensões diferentes para cada ilustração, sendo que uma das ilustrações foi criada com o propósito de ser reproduzida como a capa que representasse a metáfora gráfica de todo o texto, enquanto as duas outras ilustrações tinham como propósito apresentar dois momentos narrativos do conto. A opção de utilização das técnicas e gamas cromáticas foi deixada à escolha dos alunos, proporcionando assim a oportunidade de explorar os meios plásticos mais favoritos, que poderão possibilitar ainda mais a criação de um reportório gráfico e identidade visual própria. Neste contexto, foi lançado um método de trabalho work in progress, baseado na experimentação criativa, que pretende dar a conhecer diversas técnicas de Ilustração e as possibilidades expressivas através das imagens, recorrendo a diversas ferramentas/ materiais (colagem, pintura, desenho entre outros). Nesta perspectiva, o projeto de EC - UC de Ilustração, abriu espaço à experimentação e realização de um projeto ilustrativo, onde o alu-

no poderia descobrir as suas capacidades, gostos, talentos e a utilizá-los criativamente, mas ao mesmo tempo aprender a aplicar com êxito o conhecimento técnico/teórico na prática. Os objectivos principais desta metodologia do trabalho foram também dotar os alunos de capacidades de utilização das fontes de informação disponíveis; desenvolver a capacidade de autoaprendizagem e de pensamento criativo; formar as capacidades de seleção, de síntese e de análise na área da ilustração, assim como levar ao desenvolvimento conceptual, estético e técnico, através do ensino e da investigação, dentro das imagens de carácter narrativo. Como resultado final, através das imagens criadas, os jovens criadores apresentam-nos as suas visões trabalhadas, onde podemos descobrir uma riqueza de expressões e uma linguagem gráfica forte e muito pessoal nas produções das suas ilustrações. Apresentam-nos desta forma as suas interpretações dos contos gráficos que transportam quem as contempla por uma viagem de memórias e paisagens gráficas únicas, testemunhas da incomparável riqueza que a ilustração proporciona. Neste contexto o projeto entre UC de Ilustração e de Escrita Criativa desempenhou um papel importante na simulação das competências que é possível desenvolver e aprofundar para capacitar os alunos nas capacidades expressivas, criativas e artísticas para todos os que queiram trabalhar e aprender através de práticas criativas, fundamentais na comunicação visual / ilustração numa perspectiva de realização pessoal.

JOANNA
LATKA
PROFESSORA CONVIDADA

PROGRAMAÇÃO EM DESIGN

A Unidade Curricular (UC) de Programação em Design integra o plano de estudos da Licenciatura em Design como disciplina optativa do 1º ano deste curso. No ano letivo de 2020/21 contou com 131 alunos inscritos, distribuídos por 5 turmas, uma das quais em horário noturno. A UC de Programação em Design é uma área de aprendizagem em que, de modo geral, os estudantes não só se iniciam nas linguagens de programação orientadas para o desenvolvimento Web, como o HTML, o CSS e o JavaScript, como também tomam contacto, pela primeira vez, com a metodologia de Web design. Foi, aliás, com um conjunto de métodos de Web design que o projeto “A Criatividade de Mulheres Designers Desde o Movimento Moderno” teve início.

Posteriormente, depois de definida a disposição de elementos visuais e textuais, a experiência do utilizador (UX), e a interação possível (UI), os estudantes entraram no universo da programação em design. O maior desafio foi conseguir resolver uma equação que tinha à partida alguma complexidade, uma vez que envolvia diversas variáveis de origens diferentes, designadamente a inexperiência em programação e web design dos estudantes e o facto de interagir com outras áreas de conhecimento, como é o caso das questões de género, a história do design, a escrita criativa e a ilustração. Os alunos foram assim incentivados a ler sobre estes tópicos, como trabalho de contexto, de forma a melhor preparem as suas propostas para o Website, isto para além dos aspetos técnicos de Web design e de programação.

Após a aplicação dos principais métodos criativos de web design e da estruturação do website através da respetiva arquitetura de informação, seguiu-se o estudo da linguagem em programação HTML, logo acompanhada pela programação em CSS e JavaScript. Os alunos foram também desafiados a partilhar o desenvolvimento do seus Websites num servidor remoto, e assim tomar contacto real com uma infraestrutura típica de desenvolvimento. Isto permitiu uma aprendizagem adicional sobre protocolos de comunicação (HTTP, FTP, etc.) e softwares necessários para a realização das tarefas relacionadas. Tendo em conta que a maioria dos estudantes era proveniente de cursos do ensino secundário na área das artes visuais e do design, esta didática, que parte

ANTÓNIO GORGEL

PROFESSOR AUXILIAR
COORDENADOR DA LICENCIATURA
EM DESIGN GLOBAL
INVESTIGADOR INTEGRADO
NA UNIDCOM/IADE

JACINTO ESTIMA

PROFESSOR AUXILIAR
COORDENADOR VERTICAL DE TECNOLOGIA
COORDENADOR DA LICENCIATURA
EM ENGENHARIA INFORMÁTICA
COORDENADOR DO Mestrado
EM COMUNICAÇÃO CRITIVA
E INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

de algo concreto para o abstrato, foi uma forma pertinente de encontrar motivação. Em particular, tratou-se de uma abordagem eficaz para a aprendizagem de matérias por tradição mais difíceis, como as linguagens de programação informática, que geralmente despertam alguma inércia nos estudantes de design. Por outro lado, esta foi também uma oportunidade para estes alunos ganharem sensibilidade para algumas das dificuldades técnicas e dos desafios que se levantam quando se passa para a implementação de propostas de Websites.

Estamos convencidos que estas sensibilidades são uma mais-valia para aqueles que venham a desenvolver trabalhos nesta área no seu futuro percurso profissional. Outro aspeto relevante, foi o facto de envolver os estudantes da licenciatura em Ciência da Comunicação, da UC de Escrita Criativa, bem como os alunos do segundo ano da licenciatura em Design, da UC de Ilustração, que conduziu os estudantes de Programação em Design a um maior comprometimento com o projeto de sinergia.

A responsabilidade de terem que dar uma resposta com qualidade, enquanto solução para acolher os conteúdos recebidos, fruto do trabalho de alunos de Escrita Criativa e Ilustração, foi uma pressão positiva e uma alavanca para se tornarem mais produtivos.

No entanto, esta colaboração também criou alguma ansiedade nos alunos de Programação em Design, já que uma grande parte do desenvolvimento dos Websites foi feita ainda sem possuírem os textos e as ilustrações que eram, na verdade, o propósito do trabalho. Tanto os textos como as ilustrações estavam a ser desenvolvidos em simultâneo ao desenvolvimento dos Websites, e só ficaram prontas próximo do final do semestre. O desenvolvimento teve assim que ser realizado com recurso a placeholders e texto auto gerado, que foram substituídos pelas ilustrações e pelos textos enviados pelos alunos das UCs de Ilustração e Escrita Criativa, respetivamente.

Foi neste contexto que ambos os professores de Programação em Design trabalharam com as suas turmas no sentido de desenvolverem várias propostas para um Website dedicado ao projeto “A Criatividade de Mulheres Designers Desde o Movimento Moderno”. Os resultados alcançados corresponderam à expectativa inicial do corpo docente e dos alunos, e resultaram num vasto conjunto de Websites implementados e disponíveis online. Deste processo, foram selecionados os melhores trabalhos, em duas fases.

Numa primeira fase, os docentes da UC de Programação em Design selecionaram os 10 melhores trabalhos, tendo como base o seu conhecimento mais próximo do trabalho desenvolvido.

Posteriormente, todos os docentes das UCs envolvidas na sinergia realizaram uma votação para selecionar o melhor trabalho, tendo em conta a sua originalidade, o seu aspecto visual e enquadramento no tópico, a facilidade e adequabilidade com que informa o utilizador sobre o propósito do conteúdo disponibilizado, a sua navegabilidade e a sua inclusividade.



OPOSTO DE VIDA

CATARINA COSTA

Uma jornalista e um enfermeiro debatem-se com a falta de apoio dos cônjuges e com o seu trabalho.

Ema e Eva estavam a concorrer para a vaga de jornalista na revista Vogue. A vaga seria decidida dentro de 48h pela entrega do melhor artigo. Ema era casada com o advogado Rui e tinha um filho e Eva namorava com o enfermeiro Gil. Ambas começaram de imediato, entusiasmadas com a possibilidade de seguir o seu sonho. Após ter preparado o jantar e tratado do filho, Ema contou a novidade a Rui, que ficou entusiasmado. Ele também estava focado na sua promoção na sociedade. Ema estava decidida e focada em conseguir este emprego, quando foi interrompida pelo filho, que não conseguia dormir. Olhou para Rui e viu-o concentrado a trabalhar, indo ela ler a história ao filho para o adormecer. Ao voltar ao trabalho, reparou que a loiça do jantar estava por lavar e decidiu tratar disso antes voltar à escrita. Às três da manhã, Gil estava a chegar a casa após o seu turno duplo e Eva estava no computador a acabar o artigo, mas como já era algo habitual, deu-lhe um beijo e foi dormir. De manhã, Gil estava sem vontade de ir trabalhar, sentia que as colegas o tratavam de forma diferente, mas ele amava tratar dos pacientes. Frequentemente, as colegas excluía-m-no das conversas, parecia que se riam dele nas suas costas e mudavam de tema de conversa quando ele se aproximava. Gil levantou-se e Eva ainda estava a escrever o artigo. Nesse momento, Eva partilhou a razão da noitada, mas poupou-se nas palavras. Gil estava cansado da sua rotina, colegas, relação e a duvidar do seu propósito. Ema pediu a Rui para tratar do filho e deixá-lo na escola, mas a resposta foi que ele necessitava de trabalhar. Ema renunciou uma vez

mais à sua escrita para acompanhar o filho. Após a submissão do artigo, Ema recebeu um email a dizer que o artigo estava bem escrito, porém carecia de uma visão aprofundada, seguido de várias críticas pertinentes. Ema estava frustrada, com a falta de apoio e com o insucesso. Numa discussão acesa, Rui referiu o quão mais importante era chegar a sócio do que um trabalhito de jornalista, e que Ema tinha obrigação de tratar do filho e da casa, pois ele é que os sustentava. Ema ficou de coração partido com estas palavras. Algum tempo depois, divorciaram-se. Um dia, o filho de Ema sentiu-se mal e foram ao hospital. Foram atendidos pelo atencioso enfermeiro Gil. Uma empatia imediata entre os dois levou-os a ficarem amigos. Da amizade deles nasceu uma revista digital de enfermagem de sucesso, com artigos escritos por Ema com os conhecimentos do Gil. Finalmente, ambos se sentiam felizes e realizados.







O ÚLTIMO DIA

BÁRBARA GOMES | GONÇALO COELHO

Uma jornalista e um enfermeiro debatem-se com a falta de apoio dos cônjuges e com o seu trabalho.

Maricas! São onze da manhã e ainda estás na cama a lamentar-te... Para de ser assim. Faz-te homem. Achas bem continuares deitado no quarto escuro quando devias estar a trabalhar? Anda lá, levanta-te! Já te esqueceste que tens pessoas que estão a contar contigo? A família para alimentar, a chefe à espera da apresentação, os amigos que te tentaram telefonar e tu não atendeste.

Pronto... agora começaste a chorar. Limpa as lágrimas e mexe-te. Até parece que não sabes que homem que é homem não chora. Isso são sentimentos femininos.

Enquanto estás aqui sentado na beira da cama, a olhar para o vazio, está a tua mulher a trabalhar para te sustentar.

Que vergonha! Já dizia o teu pai que um homem que vive às custas da mulher é uma falha da sociedade. É teu dever como chefe de família sustentar aqueles que dependem de ti. Olha essa barriguinha, hahaha! Se calhar já está na altura de ires ao ginásio não? Essa pança até já descaí.

Todo flácido, cheio de estrias. Olha bem para ti. Já era tempo de cuidares de ti, de te tornares um ser apresentável. E olha essas roupas. Que desleixado! Podias comprar uns fatos, não? Para além de não te importares com essa barriga, também não queres saber da maneira como te apresentas no trabalho. Nem barba tens! Isso são uns pelitos mal semeados espalhados pelo queixo. Nem podes ser considerado homem com isso a que chamas de barba.

Fracó! A tua mulher a desejar-te e tu aí com a cabeça enfiada debaixo dos lençóis. Ela a investir em ti, e tu com desculpas. Se ela quer fazer amor todas as noites tu só tens de estar pronto para a satisfazer. É tua responsabilidade estares sempre pronto para lhe dar prazer, senão, bem podes contar com o cumprimento dessa tarefa fora de casa. Nem para saciar os desejos de quem te sustenta serves. És mesmo incompetente!

CALA-TE! Não aguento mais. Não me devias estar a autoss-abotar desta forma. Devias dar-me força para continuar.

Já não bastava a pressão da sociedade com a merda dos seus preconceitos, agora também tenho esta voz na cabeça a sufocar-me. BASTA! Isto acaba hoje. A partir de hoje já não vou ter de levar mais com estas tretas preconcebidas.

Quero paz! Quero ser feliz! Quero ser quem sou! Quero ser amado por quem eu sou e não pelo que querem que seja! Que desespero esta sociedade! Que sufoco! Tiram-me o ar! Quero respirar! Quero ser livre! Afogo-me nos meus próprios pensamentos. Não sinto frio, nem calor; não me sinto triste, nem muito menos feliz; só sinto a pressão e deixo-me ir.



ILUSTRAÇÃO DE
FILIPA SILVA, 2021





TEM QUE SER UM HOMEM

MARIA NETO MESQUITA | MARIANA DOMINGUES

Um homem, vítima de violência doméstica tenta salvar o filho.

Abriu a porta de rompante, entrou e trancou-a. Respirou fundo, tanto quanto a adrenalina e o medo o deixaram. “Não chores. Respira. Respira comigo... Inspira, expira... Eu estou aqui. Está tudo bem”, ouvia a voz da irmã, na sua cabeça. Mas não estava tudo bem, e ela já não estava ali. Pôs-se à escuta. Silêncio absoluto pela casa. Aproximou-se do espelho. Tinha o olho negro e o lábio rasgado. Sentia-se fraco, tremia. Ecoavam na sua cabeça as palavras do seu pai, quando ainda era criança: “Tens de ser um homem”. Mas o que seria ser um homem? Ele era homem. Não, um homem não chorava, um homem nunca deixaria que a mulher lhe batesse. Como é que tinham chegado a este ponto? Como é que alguém que amamos, e que promete amar-nos, nos pode tirar tudo? A dignidade, o desejo de viver... Trancado na casa de banho, entre as quatro paredes de azulejos bege, só pensava onde é que errara. E enquanto estes pensamentos o consumiam, aconchegou-se deitado na banheira e fechou os olhos. Acordou. Não sabia quanto tempo havia passado. Umas horas talvez? Levantou-se e lavou abundantemente a cara ainda inchada. A casa continuava em silêncio, deveriam estar todos a dormir. E o Rui, teria escutado tudo, outra vez? Pobre filho... Saiu. Estava tudo às escuras e apenas ressoava o vento lá fora. Devagar, pé ante pé, passou o seu quarto e foi até ao de Rui. Aproximou-se da cama e enroscou-se a ele. Naquela casa, apenas este amor não mudara, o amor de Pai e Filho. Recordava o entusiasmo do momento em que soube que ia ser pai, e do nascimento de Rui. As esperanças, o medo..., o desejo de ser para aquela criatura pura um pai diferente do que tinha tido.

Amava-o tanto, mas agora não conseguia protegê-lo. O que pensaria ele? Com o Pai trancado na casa de banho durante horas... Tinha de sair dali. O quanto antes. Levantou-se e acordou Rui. “Não faças barulho. Tudo bem. O Pai está aqui”, disse-lhe. Agasalhou-o, e agarrou-o firmemente pela mão. Em silêncio dirigiram-se à entrada, cuidadosamente rodou a maçaneta, abriu a porta devagar, e saíram. Desceram as escadas do prédio apressadamente, mas assim que chegaram à rua, a porta bateu. Pegou o filho ao colo, e correu. Na rua deserta apenas se ouvia o seu respirar ofegante e o choro de Rui. “E a Mãe, Pai? O que se passa, Pai?”. Nem o próprio sabia, só sabia que não podia parar. De repente, uma luz encandeou-o. E num instante, caiu com um choque. Fez-se silêncio. Fez-se escuro. Mas sentiu-se em paz. Protegera o filho, estava junto a Rui, e ia com ele.



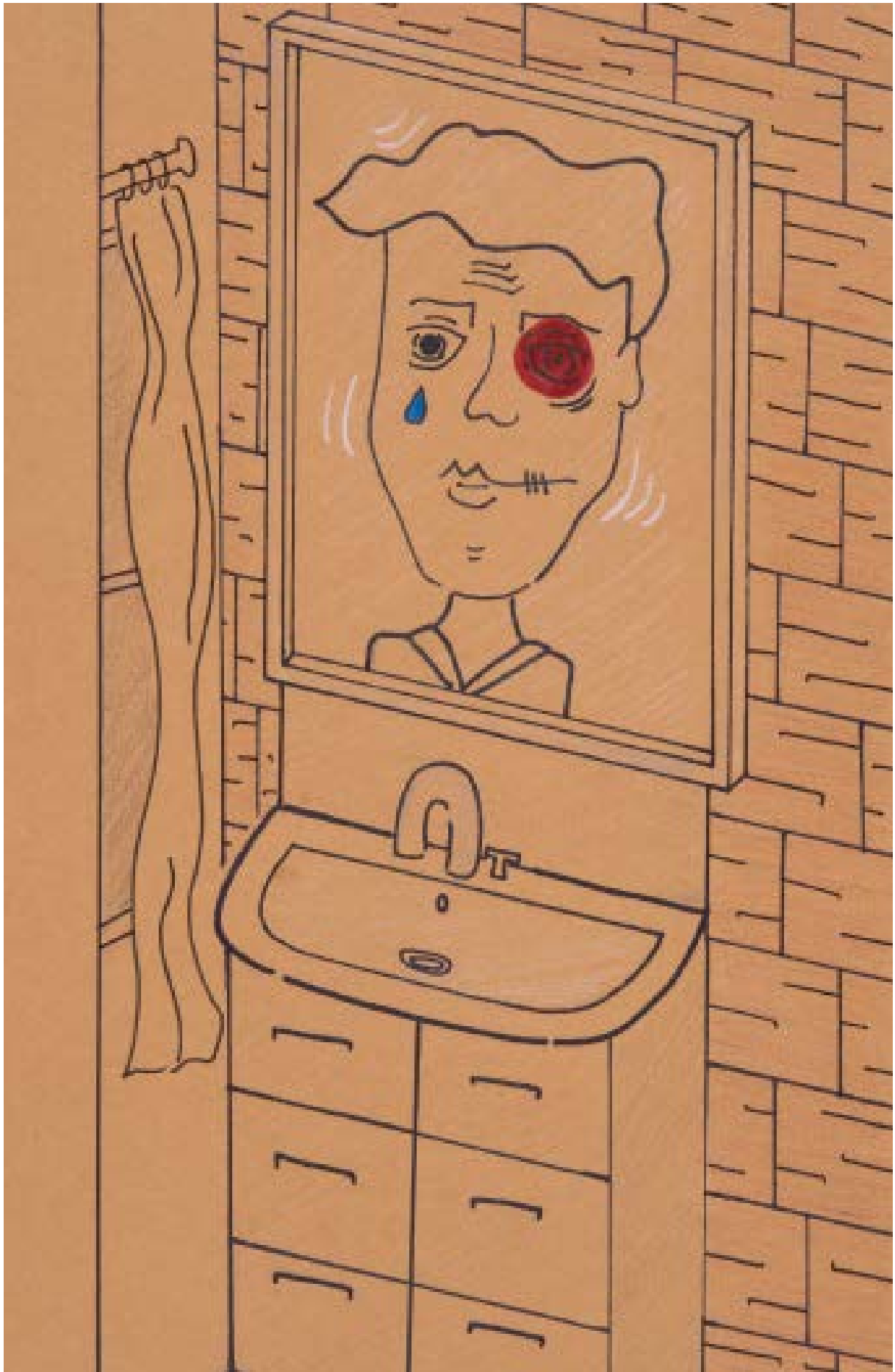




ILUSTRAÇÃO DE
DORA FAZENDA, 2021



O AMOR SUPERA TUDO

ASSUNÇÃO VILAR | TERESA BERGER

Num cenário de guerra uma competição entre um homem e uma mulher adquire novos contornos.

Num quente final de tarde, com um pôr do sol alaranjado refletido nas ondas do mar, o Tenente Batista desembarca do avião militar carregado com a sua M16 e o seu saco e dirige-se ao Jeep que se encontra estacionado na base aérea do aeroporto militar do Qatar. Aproveitando os últimos raios de sol e enquanto pensa na missão que o levará a ser Capitão, conduz até ao acampamento que se encontra na linha fronteira com a Arábia Saudita. Ao chegar, dirige-se à sua cabana para pousar as coisas e cumprimentar os seus camaradas, que o recebem com saudade e entusiasmo. Enquanto espera pelo início da cerimónia, afasta-se do grupo para fumar um cigarro. A Tenente Vaz, uma mulher alta e elegante, com longos cabelos acastanhados e uns olhos da cor do mar, aproxima-se por trás, com um andar convicto pontapeando pequenas pedras. Num tom desafiante, ambos conversam sobre a missão, em que vão competir um contra o outro. Batista termina dizendo que tem mais probabilidades de ser nomeado Capitão do que Vaz por ser homem e ela mulher. A tenente, surpreendida, mas sem se desmanchar, aposta com ele em como consegue ser ela nomeada. Em conjunto esperam a cerimónia da continência.

Ouve-se a corneta e a chamada dos Oficiais, imediatamente os soldados alinham-se lado a lado com as armas ao peito em sentido. Durante toda a cerimónia, os tenentes cruzam olhares provocadores chamando a atenção de alguns soldados. À noite, ao recolher na cabana, Batista comenta com os seus camaradas sobre a sua missão onde vai enfrentar

a tenente Vaz. Os seus sentimentos atrapalham o seu foco e sente necessidade de apoio dos seus camaradas que lhe asseguram que sairá vitorioso sem sombra de dúvidas. Antes de adormecer, lembra-se das palavras do seu pai “filho, o mundo foi feito para os homens!”. Na madrugada, os tenentes Batista e Vaz partem para a missão. Um helicóptero deixa-os num deserto, com as instruções sobre o que terão que fazer. O calor do deserto faz com que as picardias e a atração entre os dois aumentem. Dia após dia, apaixonam-se mais um pelo outro. Chega o último dia da missão, que irá desvendar a decisão do conselho militar. Quem será o próximo Capitão? Um outro helicóptero apanha-os no deserto e transporta-os para o acampamento. Sem demoras o conselho reúne. Horas mais tarde, ambos saem da sala sem dizer nada. Batista, apesar de desiludido com o seu desempenho sabe que o que sente por esta mulher é mais forte do que tudo o resto. Olha nos olhos de Vaz e beija apaixonadamente a sua Capitã.







MARA E AS NOITES MAL DORMIDAS

FRANCISCA CORTE-REAL

Uma jovem tem um pesadelo recorrente.
Sonha que está grávida.

Mara vive no Areeiro em Lisboa, tem 17 anos e cresceu com um grupo forte de amigas: Raquel, Inês e a Jessica. Nas suas amizades, só lhes faltava fazer um pacto de sangue, mas como não são doidas nem pertencem a uma seita, mantêm-se a ir ao cinema às quintas-feiras. O seu namorado, Gonçalo, ainda é um segredo para os seus pais, pois apesar de namorarem há três anos e de os pais seres pessoas liberais na sua educação, não gostam nada de comunistas e o Gonçalo é filho de camaradas. Ana Luísa e Simão, os pais de Mara, são aquele casal em que a esposa não tem carta e que é conduzida pelo marido, o que é ótimo para o ambiente mas mau para a independência da Ana Luísa.

A jovem Mara, está super apaixonada, é o seu primeiro namoro, a sua primeira paixão. Nunca é realmente amor, mas parece sempre aos olhos de quem pouco viveu.

Nas vezes que dormiram juntos a jovem ficava com remorsos, mentia aos pais, dizia que ia dormir a casa da Inês na Avenida de Roma e ao invés disso apanhava o fertagus para ir para Corroios, na margem sul. Gonçalo era mais velho, tinha carta de condução, rastas e pouco dinheiro para ir buscá-la de carro a casa. Falava-lhe sempre das portagens e da gasolina. Um dia Mara acorda sobressaltada, em casa de Gonçalo e liga a Raquel.

-Acordei durante a noite em sobressalto, ansiosa porque sonhei mais uma vez que estava grávida. Definitivamente eu, não sabia o que fazer com ele. Não parecia meu filho, os meus bebés, nos meus sonhos nunca parecem meus. Estes sonhos, estes partos, estes pesadelos nunca são racionais

nem nada que se pareça. Faz hoje três 3 meses que deixei de tomar a pílula, não uso nenhum método contraceptivo e vivo num constante horror de estragar a minha vida por causa de um bebé. E aqui para nós, eu só gostava de saber com o que é que o meu namorado sonha, porque sempre que olho para o lado esquerdo e o vejo durante a noite ou lhe pergunto, na manhã seguinte, sobre o que é que sonhou, nunca está relacionado com ser pai. Realmente temos mundos diferentes, os meninos e as meninas, preocupações e realidades que eu não sei justificar, mas que de certo modo me atormentam, talvez ele tenha medo que um grupo grande de outros rapazes sejam agressivos com ele na rua e que até sonhe com isso, não sei. Mas sei que algo está errado, não em mim, não em nós. Mas no mundo, quando há um peso gigante em ser adolescente e mulher, parece que isso acarreta dezenas de responsabilidades. A cada dia que passa, apesar de toda a informação que nos rodeia, sinto sempre que este é, um peso que carregamos sozinhas. E o mais engraçado, é sonharmos todas com o mesmo Raquel!



A GRANDE REPORTAGEM

BEATRIZ CARVALHO | BEATRIZ FABIÃO | SARA SOUSA

Uma jornalista tenta publicar uma reportagem numa redação gerida por homens.

Numa pequena secretária da redação do Jornal Continental, está Alice. A jornalista dá por si, com o olhar vidrado no ecrã do computador, lembrando a sua infância. Uma menina apaixonada por basquetebol decide aliar o desporto à informação e licencia-se em jornalismo. Hoje é uma mulher feita de garra. Com 36 anos, é efetiva no jornal mais prestigiado do país, na editoria de desporto. A cadeira chia com o abanar nervoso da jovem, que aguarda ansiosa pela reunião que mudará a sua carreira. Entediada, termina mais uma peça sobre o empate do jogo de voleibol do interior do país. “Menina Soares, o Sr. Sá está a chamar por si.” Alice assusta-se ao ouvir a assistente.

Ainda anestesiada, olha para o gabinete do chefe de redação. O coração acelera, quase se esquece de respirar. Levanta-se e agarra no monte folhas que tem na secretária, sem se preocupar com a desarrumação que causara. Ao caminhar para a reunião surgem novas dúvidas, no entanto quando chega ao gabinete bate à porta com firmeza.

“Boa tarde senhorita, diga lá. Tanta urgência, deve ser coisa boa”, diz Ivo Sá, chefe de redação, enquanto se encosta no cadeirão e acende um cigarro acompanhado por um sorriso sarcástico.

Alice apercebe-se da ironia que invade a sala coberta de fumo. Opta por ignorar. Com uma cara determinada e um suspiro de “aqui vai”, apresenta o esboço do seu projeto. Os papéis que traz são mandados para cima da secretária, enquanto tenta ilustrar os dados recolhidos. Já está! A grande reportagem sobre a corrupção num dos maiores clubes de futebol

em Portugal foi apresentada. O silêncio instala-se. “Ora aqui está uma peça digna de manchete!” Alice tenta conter a felicidade ao ouvir tais palavras. Quando de repente, “Oh Ana, chame o Vaz imediatamente”. Alice, atordoada, fica sem perceber a resposta. Até que vê o colega, Rui Vaz, a entrar porta a dentro com um sorriso convencido. A raiva apodera-se de si, exigindo uma explicação. O Sr. Sá passa a peça ao colega “adequado” para dirigir a reportagem. Alice não acredita que está a ser substituída apenas por ser mulher.

Tenta bater o pé, mas ninguém a ouve. Não perde tempo e sai de rompante da redação sem olhar para trás. Nunca foi mulher de desistir. Após dias à procura de emprego, Alice tenta a sua sorte ligando para Eva Dias, diretora de um dos maiores jornais do país. Eva, depois de uma conversa com a jornalista, aceita dar voz à reportagem. Pela primeira vez, Alice sente que não é o seu género que determinará o seu futuro.



CHIMPANZÉS E OUTROS ZÉS

INÊS DUARTE COELHO

A sociedade dos primatas como metáfora da sociedade dos humanos.

Esta história tem mais de seis milhões de anos. Foi, e ao que consta, é vivida entre os primatas lá para as florestas da África Central.

Da altura de um quarto andar onde reside com a família, um primata controla a savana. Gonçalo, de seu nome, ocupa grande parte do dia na busca do conflito com os outros da mesma espécie. A luta é, invariavelmente, por mais um palmo de território, uma dúzia de bananas, ou para conquistar mais um primata fêmea, para além da sua chimpanzé Catarina. Estas conquistas são também os troféus que os machos erguem e ajudam a legitimar o líder.

A este imponente e agressivo chimpanzé ninguém escapa, nem Catarina, nem os seus filhos, que um dia terão a sua sorte, se forem machos. Tudo pela sua afirmação como dono do espaço, das bananas e das fêmeas. Um tipo de macho todo-poderoso que dita as regras do jogo ou a forma como a sua espécie vive ou sobrevive em sociedade. Catarina, essa primata que perdeu a conta aos filhos que gerou, amamentou e carregou, está rendida, não fosse ela fêmea da comunidade hierarquizada onde cresceu a ser violentada, as vezes que o seu dono ou qualquer outro primata macho lhe pôs as patas em cima. Catarina, tal como todas as Catarinas primatas, por cada vez que tentou resistir, sentiu na pele as sanções do macho Gonçalo e o peso que a cultura da espécie impunha. Muitas, para além da violência a que estão sujeitas, são isoladas ou afastadas do seu meio, enfraquecidas e entregues à sorte da floresta, expostas aos perigos de grandes felinos, fragilizadas no seu habitat.

Do todo-poderoso Gonçalo, e desses machos primatas que habitam as florestas da África Central, ninguém espera outra atitude. Continuarão a manter os padrões de comportamento que caracterizam a espécie e que a história vem contando. Milhões de anos depois, em florestas de betão, Gonçalos humanos, com uma noção muito própria do tempo, da justiça e da equidade, organizados em complexas sociedades e com comprovado maior quociente de inteligência, insistem em seguir o exemplo destes primatas, portando-se como chimpanzés.





FRAGMENTOS DE UMA VIDA



ANDRÉ OLIVEIRA | VICENTE SANTOS

Uma mulher moçambicana resiste à ditadura através da publicação das suas receitas.

Maputo, 5 de dezembro de 1973

Nem sei por onde começar, mas aqui vai... Eu chamo-me Yuna Fazila nascida e criada em Maputo. Sou filha única, a minha mãe é uma simples dona de casa e o meu pai é bibliotecário. Sempre vivi sobre esta miserável ditadura em que vivemos. Todos os dias me sinto vulnerável a viver sobre a alçada deste regime, ainda mais sendo mulher. Sinto-me uma sortuda pela mulher que sou. Graças ao meu pai, o meu conhecimento e a minha cultura muito se devem aos livros que ele me trazia diariamente quando era pequena.

Neste momento, vejo-nos, enquanto mulheres moçambicanas, completamente desvalorizadas e sem direitos e liberdades. A esmagadora maioria das mulheres deste país, não tem o direito de perseguir os seus sonhos, nem sequer, imaginar tê-los. Isto revolta-me! Atualmente, temos no poder um homem machista, retrógrado e vil, que está a arruinar o futuro e a liberdade deste país. Isto tem de mudar! Rafiki Yassulda comanda o destino deste país há quase 30 anos e nunca, alguma mulher teve o privilégio de decidir o futuro do nosso país.

Hoje em dia, sou uma das poucas mulheres que conseguiu ter um emprego. Escrevo receitas na última página do jornal semanal “Folha de Moçambique” e os meus artigos são “por direito” os únicos a serem lidos pelas mulheres. Hoje fico-me por aqui, libertada dos meus pensamentos e em direção a uma nova realidade que não a minha.

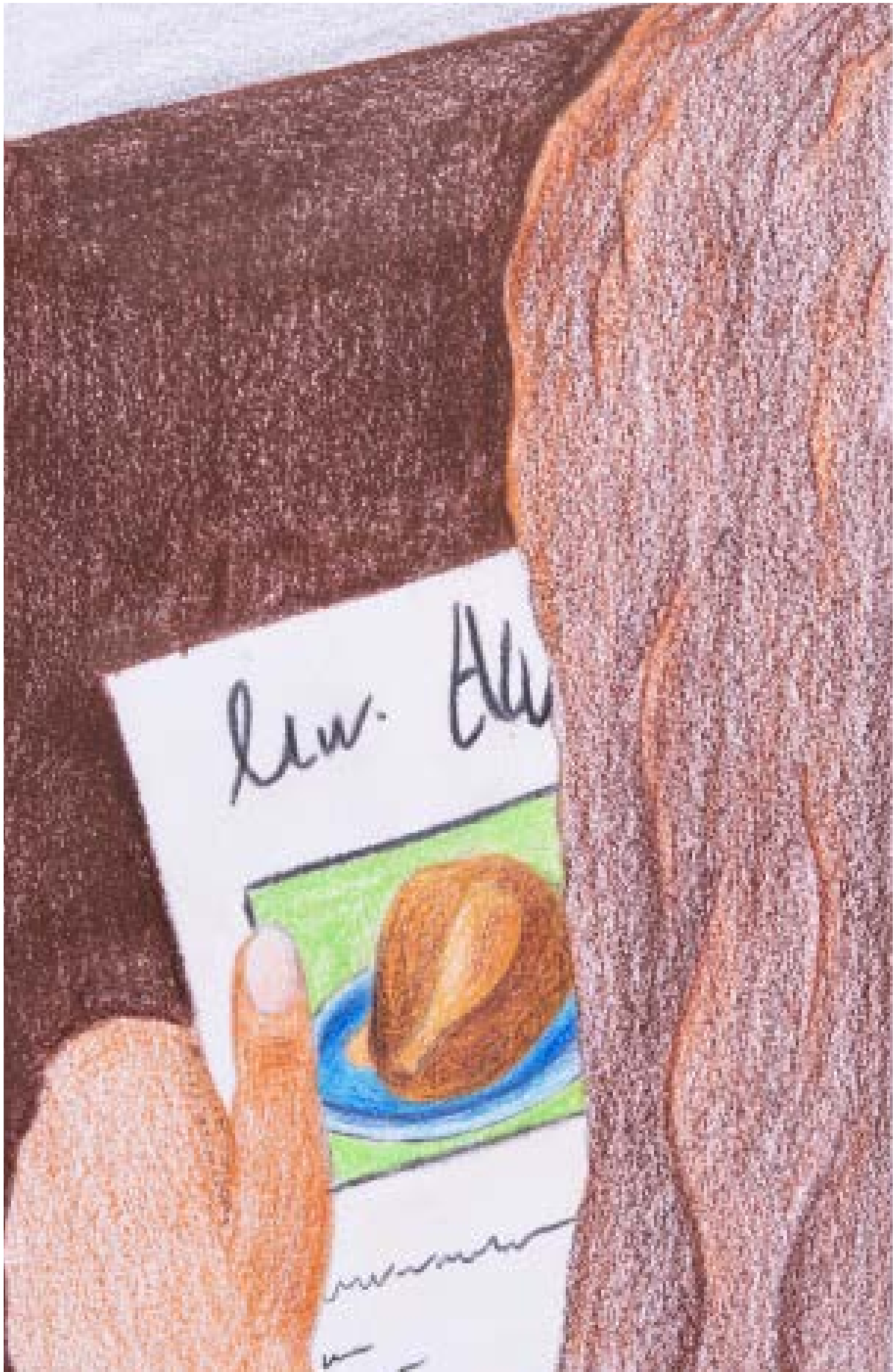
Maputo, 16 abril de 1974.

Tantos meses se passaram sem que nada mude... continuamos a não ter voz, a não ter opinião, a não nos ser permitidos os mais básicos direitos num país isolado em ideologias, preconceitos e desigualdades do resto do mundo. Muito tenho pensado sobre o assunto, e a ideia de poder fazer algo utilizando o privilégio que me foi concedido com os artigos de culinária, não me sai do pensamento...

E se eu usasse os meus artigos de culinária de maneira a incitar todas as mulheres a lutarem pelos seus direitos? As mulheres têm de ter as mesmas oportunidades que os homens, têm de ter o direito à educação, têm de poder escolher o seu percurso e a sua vida!

Ideias e possibilidades assolam-me o pensamento a toda a hora... teria de ser algo discreto, arranjar maneira de passar uma mensagem oculta em cada receita publicada, uma motivação e alento para todas as mulheres, que tal como eu, lutam no seu íntimo, contra o regime e sonham com outro rumo para o nosso país e para o futuro de todas as mulheres. Talvez um dia, num futuro próximo, este sonho possa ser uma realidade...







FEMME FATALE

MARTA MORENO | MATILDE PACHECO

Uma mulher resiste às convenções da sua época criando uma sociedade secreta só para mulheres.

Londres, 1813.

A alta sociedade britânica entra em época social e todas as meninas querem encontrar pretendentes. Elsa passeia com as suas irmãs no parque da cidade e, como era de esperar, tem que encontrar um noivo, tal como a sua irmã Dália já tinha feito. Mas, Elsa tem 16 anos e ao contrário de todas as outras, essa não é a sua ambição. Inteligente, descarada e rebelde, definitivamente não veio ao mundo para ser mais uma que se subordina a um homem qualquer.

Não gosta de ir a bailes ou a outros eventos sociais, preferindo focar-se nos seus estudos. Elsa não quer aprender a tocar piano nem saber cortejar como todas as outras. Elsa quer estudar e trabalhar, quer ter tempo para pensar em matrimónio, quer poder fazer o que bem lhe apetece sem estar preocupada com o que os outros vão dizer.

Os homens não têm estas preocupações. Podem fazer de tudo que em nada são prejudicados. Elsa quer ser e viver como eles. É então que Elsa se apercebe que nada vai mudar se todos continuarem em sintonia acerca desta sociedade machista e elitista.

Juntamente com umas amigas, entre elas Penélope, Elsa cria uma sociedade secreta ao qual chama: Femme. Neste grupo, discute-se e lê-se livros proibidos sobre a emancipação da mulher.

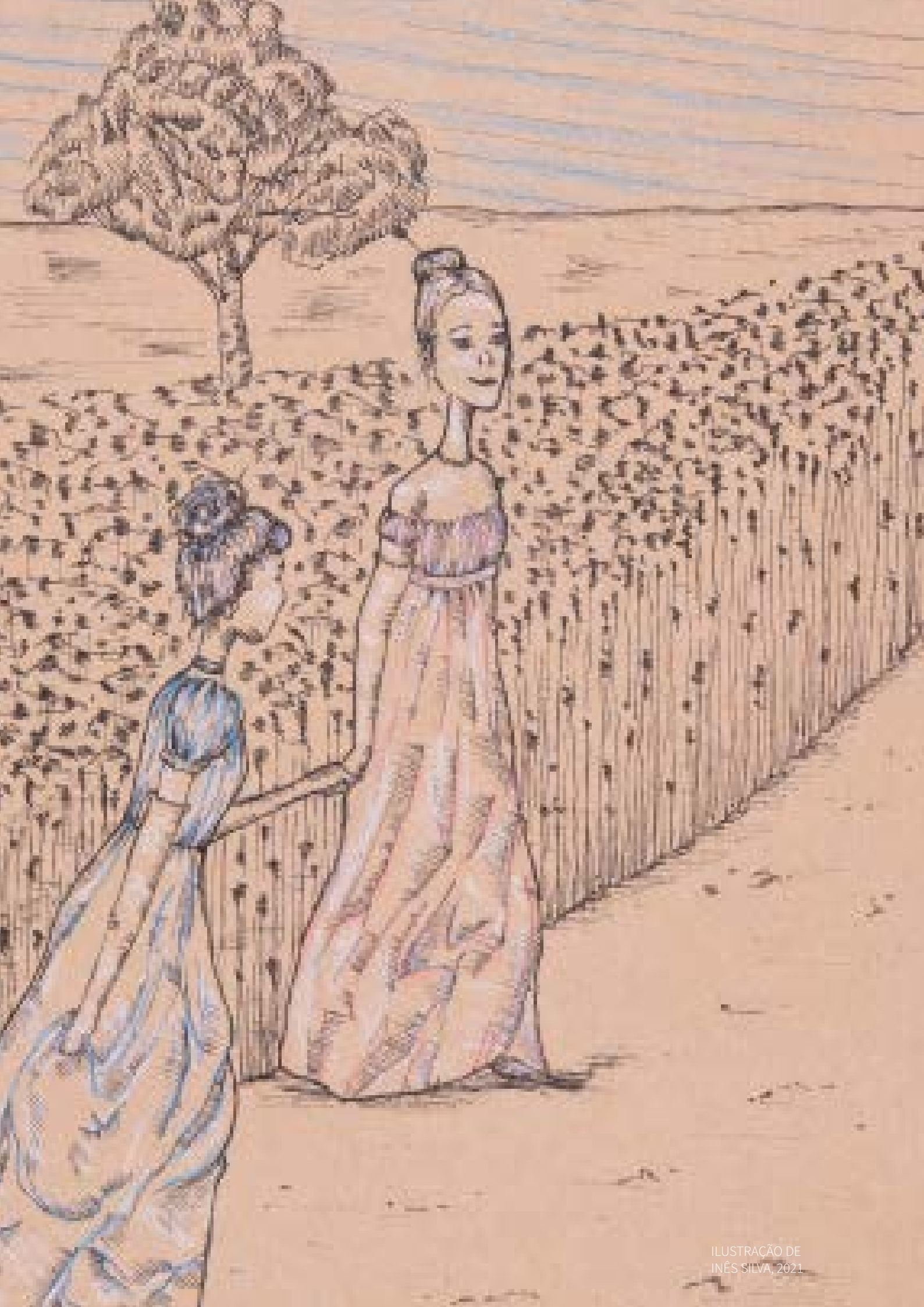
Cada uma veste-se e faz o que queria.

Certo dia Helga, uma das fundadoras do Femme soltou um arrote tão alto, que o grupo jurou que se tinha ouvido no palácio real. No Femme, as meninas

criavam leis como se fossem elas a governar, abolindo a época social de modo a que cada uma tivesse o seu tempo para se apaixonar.

É com a criação desta sociedade secreta que Elsa e Penélope, juntas, partem em busca daquilo que tanto queriam. Deixam para trás as suas famílias que, não as conseguiam entender nem apoiar numa decisão destas. As famílias de ambas queriam apenas viver consoante aquilo que era imposto pela sociedade.

Vão lutar pela igualdade entre mulheres e homens. Vão poder ter a possibilidade de fazer aquilo que era visto como um exclusivo aos homens. Vão finalmente poder estudar como tanto desejavam sem seguir regras da sociedade, e sem valorizar os comentários alheios. É então aqui a despedida desta sociedade, e o começo de uma nova vida.



O PESADELO ETERNO

ANA CAROLINA GUERREIRO | ÂNGELA NUNES

Um homem escreve uma carta à APAV a queixar-se de ser vítima de violência doméstica.

Exmo. Sr. Presidente Executivo da APAV,

O meu nome é Manuel Rodrigues, tenho 44 anos e toda a minha vida fui vítima de violência por parte de mulheres. Leia novamente. Pois é, sou um homem. Estou a escrever-lhe esta carta porque decidi que hoje seria o dia de dizer basta a uma vida de submissão. Agora, sentado no conforto da minha casa que nunca mais irei ter, porque ninguém me conseguirá devolvê-lo, é difícil assimilar o que aconteceu. Todo o meu corpo treme enquanto lhe escrevo, tenho o coração apertado e sinto-me sufocado por este sentimento de revolta e desespero. Trabalho numa empresa de catering há cerca de dez anos, esta é uma empresa de renome, gerida por uma mulher bastante determinada, ambiciosa e confiante de si mesma. Há uma semana, fui vítima de uma tentativa de violação por parte da minha gerente. Nunca esperei que isto me fosse acontecer. Convidou-me para ir a um evento de trabalho, eu aceitei claro. No final, ela deu-me boleia para casa. Até aí, tudo estava a correr normalmente, ou pelo menos eu achava que estava. Chegámos à porta de minha casa, indiquei-lhe o local para encostar, mas ela preferiu estacionar. Ao tentar sair do carro deparei-me com as portas trancadas, uma brincadeira pensei eu. Mas assim que percebi que não se tratava de uma brincadeira, pedi-lhe que destrancasse as portas. Ela começou por me agarrar, tentou beijar-me e... não consigo escrever mais. Hoje apercebo-me que toda a minha vida foi feita disto, de subjugação, abuso e desigualdade.

Talvez eu também seja um pouco culpado de tudo, porque sempre me rodeei de mulheres assim, e não soube ir contra a realidade que estava a viver. Sempre vivi com os meus pais e a minha irmã gémea. As tarefas domésticas ficavam sempre por minha conta independentemente de poderem ser partilhadas. Se fosse preciso algo era sempre o Manuel que tinha de ir. Nas relações que tive, o cenário era o mesmo, as minhas namoradas aproveitavam-se de mim, algumas proibiam-me de usar certas roupas e impediam-me de estar com amigos. Para as pessoas é difícil acreditar que isto acontece, mas é real. Eu sei, eu sei que aquilo que me aconteceu, acontece a milhares de mulheres que são vítimas deste pesadelo eterno. E aqui de homem para homem, sinto raiva, dor e tristeza. Mas escrevo-lhe porque preciso da sua ajuda. Antes que seja tarde demais. E de vítima, passe a agressor. Isso seria mais fácil de explicar, não é? E mais fácil de resolver...

Manuel Rodrigues



CONVÍVIO DE MULHERES

CATARINA QUENTAL

Mulheres partilham as suas histórias de assédio e de desigualdade.

Eram quase cinco da tarde, e Mara já se encontrava no parque mais verde da cidade, vestida com uma t-shirt cor de rosa e calças brancas, tal como combinado. Enquanto esperava, Mara preparava em cima da única mesa de madeira do parque, alguns snacks para quem decidisse participar no primeiro convívio, destinado a mulheres que já tivessem passado por situações de desigualdade de género. O objetivo do convívio era que houvesse um safe space para que qualquer mulher pudesse partilhar a sua história.

Já passava da hora combinada e até ao momento só tinham aparecido três mulheres, Mara ficou um pouco desiludida, mas não desanimada, porque ao menos apareceu alguém. Eram seis da tarde, e as quatro mulheres vestidas de cor de rosa e branco, sentaram-se e começaram a sessão de partilha.

-Boa tarde, o meu nome é Indira, eu nasci na Arábia Saudita, mas atualmente vivo em Portugal porque a minha vida era um inferno no meu país de origem. Eu não tive direito à educação por ser do sexo feminino e mais tarde, como era uma mulher solteira não me deixaram comprar uma casa, então vivi num lugar imundo durante anos. Não podia conduzir não podia vestir o que eu queria, uma vez tentei, mas fui presa, e foi a partir desse momento que decidi que o mais correto a fazer era mudar de país. Obrigada.

-Obrigada Indira!

-Olá, eu sou a Eva, durante 15 anos trabalhei numa empresa que me pagava 600 euros por mês. Mas recentemente, quando entrou um trabalhador novo, um jovem de 18 anos com pouca experiência, ofereceram-lhe 1500 euros por mês, assim que soube,

pedi um aumento, mas foi recusado. Obrigada.

-Obrigada Eva!

-Boa noite, chamo-me Carina, no mês passado candidatei-me a um emprego de sonho, estava bastante confiante porque o outro candidato era um jovem que tinha acabado de terminar a licenciatura, e eu já trabalho na área há dez anos, tenho uma licenciatura e um mestrado, mas para meu grande espanto ele ficou com o lugar e eu não, “e porquê?” perguntam vocês. Porque ele era do sexo masculino. Obrigada.

A noite foi longa, as quatro mulheres ficaram durante horas a conversar, pensando que nunca mais se iriam ver, até porque apesar de toda a publicidade sobre o convívio, elas foram as únicas que apareceram.

Tudo começou como algo pequeno, mas aquilo que elas fizeram, a coragem que tiveram para partilhar as suas histórias, inspirou imensas mulheres e é graças a elas, que hoje, em pleno 2025, estão aqui presentes 150 mulheres, na quinta edição do Convívio de Mulheres.



UMA QUESTÃO DE EDUCAÇÃO

CAROLINA HERÉDIA | CARLOTA TOMÉ

Grito de protesto contra o assédio sexual a mulheres.

Tinha tudo
E não tinha nada
Tinha o seu trabalho
Mas ainda era discriminada

“Isto não vistas”
“Aquilo não ponhas”
Autointitulam-se vanguardistas
Mas têm destas vergonhas

Eu digo já chega
Ninguém tem de crescer num mundo assim
Não posso nem atravessar a rua
Sem ter homens a olhar para mim

Todas temos o direito
De não andar desconfortáveis
Temos de andar a esconder o peito
Para não ficarmos tão vulneráveis?

Para não ter comentários desagradáveis
Bocas inimigáveis
Gestos variáveis, incomparáveis?
Que não existiam se não fosse mulher

Se fosse só um homem qualquer
E pudesse andar na rua às horas que me apetecer
Puder discutir sem estar a “endoidecer”
Estar confortável sem ter de “emagrecer”

Exaltar-me numa conversa sem ser “descompensada”
Puder dar a minha opinião sem ser rebaixada
Puder falar e não ser calada
Sonhar ser o que quiser antes de ser rotulada

Não me toques,
Não te dei permissão.
Porque é que é tão difícil respeitar o meu não?

Uma sociedade supostamente desenvolvida
Com direitos ainda por lutar
Onde uma mulher não é promovida
Apenas porque decidiu engravidar

Somos nós que carregamos a vida
Porque é que não a podemos viver?
Como é que alguém ainda duvida
Do poder que uma mulher pode ter?

“Por detrás de um grande homem está sempre uma grande mulher”
Porque é que não pode estar ao lado,
e ter o reconhecimento que devia ter?
Porque é que não pode ser independente,
isso não pode acontecer?

É verdade, o homem e a mulher não são iguais
Apesar da aparência
Mas temos de ir além do mais
Encontrar igualdade na diferença

Para viver é só querer
Não pode haver equívoco nas mensagens
Eles dizem protejam as vossas mulheres
Eu digo eduquem os vossos homens.



O MEU GRANDE EXEMPLO

MARA COSTA | GRACIETE DABÓ | CONSTANÇA LEITÃO

A filha de Beatriz Ângelo recorda a luta da mãe para ser a primeira mulher a votar em Portugal.

Lisboa, 25 de abril de 1975

Hoje é mais um dia em que escrevo em ti diário, mas é um dia especial: são as primeiras eleições livres, em Portugal, e não consigo deixar de pensar na minha mãe e no orgulho que ela iria sentir, se ainda estivesse aqui. Este momento faz-me voltar há muitos anos atrás em que experienciei algo muito marcante.

O ano era 1911. O meu pai tinha falecido recentemente e eu estava sozinha com a minha mãe.

Foram momentos de angústia. Não só perdemos o meu pai, como os direitos que tínhamos através dele. A minha mãe teve de desempenhar os papéis de pai e de mãe, simultaneamente, e conciliar com a sua profissão de médica.

A minha mãe sentiu-se revoltada com a desigualdade sistemática que havia na altura e decidiu lutar por nós e foi aí que eu me apercebi do poder dela. A minha mãe viu nas eleições, para a Assembleia Nacional Constituinte, uma oportunidade para se afirmar enquanto mulher e merecedora de participar na vida política.

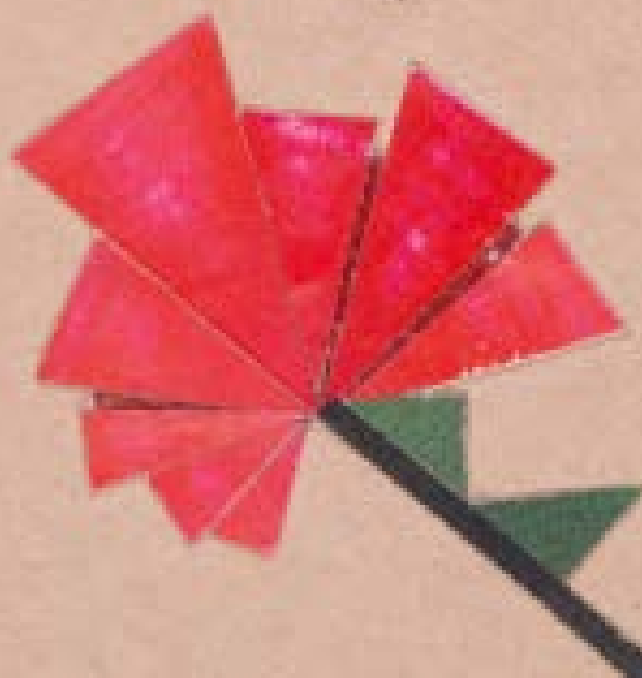
O código eleitoral determinava o direito de voto a “todos os portugueses maiores de vinte e um anos, à data de 1 de maio do ano corrente (1911), residentes em território nacional, compreendidos em qualquer das seguintes categorias: 1.º Os que souberem ler e escrever; 2.º Os que forem chefes de família (...)”. A verdade é que a minha mãe se integrava nestas categorias, o que a levou a avançar, até porque a lei nunca especificou que só os homens é que podiam votar.

Até conseguir votar, teve alguns entraves, mas, felizmente, conseguiu convencer o tribunal que a lei tinha um erro e que era justo, dentro das condições, uma mulher poder votar. E fê-lo.

Lembro-me do dia 28 de maio de 1911 como se fosse hoje. A minha mãe foi a primeira mulher, em Portugal. Recordo-me da felicidade que sentimos, naquele dia, porque foi algo histórico e que me fez ganhar vontade de seguir os seus passos. Foi através dela que me senti empoderada e com motivação para ajudar outras mulheres a sentirem-se da mesma forma.

Hoje dirigi-me às urnas, com o meu marido, para realizar o meu primeiro voto enquanto mulher livre e independente. As pessoas reconheciam-me como filha da Carolina Beatriz Ângelo, mas eu reconheço-me com os mesmos direitos que os homens. Foi um pequeno passo para o sexo feminino e um grande passo para a humanidade.

Maria Emília Ângelo Barreto Fagundes







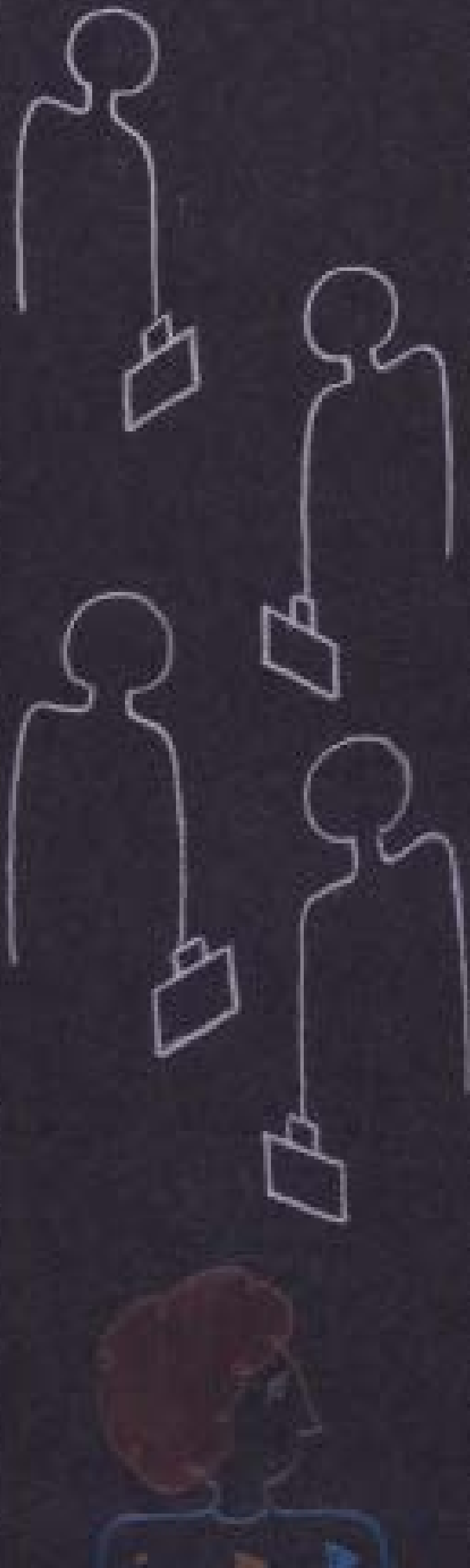
SONHAR PARA UM DIA VOAR

**ANA RITA GIL
MARIA BARATA**

Uma mulher angolana anseia em mudar de vida e ser livre.

Quero fugir.
Quero saltar para aquele mundo lá fora, cheio de meninos homens e homens.
Porque é que nasci uma menina mulher? Não percebo.
A mãe diz que mesmo quando crescer e me transformar numa mulher não vou poder sair daqui.
Este é o meu sítio. Quatro divisões, seis janelas, oito camas de chão, uma mesa. Nada mais.
Esta é a realidade que tenho, a realidade na qual nasci e irei morrer.
Eu e esta janela pela qual avisto o sonho de sumir.
Lá fora são todos mais felizes que eu :
- “Tenho quase a certeza que são, só podem ser”,
expelia eu entre tarefas e pensamentos semelhantes.
Os meninos homens e os homens são mais felizes que nós meninas mulheres e futuras mulheres pois eles desde pequeninos que andam lá fora. Vão à escola, aprendem a ler e a escrever, trabalham e tornam-se homens de família muito cedo. Lá, naquele mundo de subjeção as mulheres têm uma única função, aprender tudo o que seja importante para fazer o futuro homem de família feliz.
Mas eu nunca quis esse futuro e na altura não queria o meu presente.
Eu não queria um futuro homem de família, queria somente ter uma família, mas não podia.
Lembro-me que quando falei disso em casa levei uma surra da velha avó.
Queria voar. Precisava de o fazer.
Angola tornara-se pequena para tamanhos sonhos.
E sem ninguém saber comecei a falar com o José,

um lisboeta de vinte anos. Na zona poucos eram aqueles que gostavam do José, na altura culpavam a guerra. Em tempos, o ressentimento transcendia pessoas e traduzia-se somente em tons de pele.
O José, era branco e filho de um militar que outrora chacinara uma família para os lados de Candimba .
Contudo na altura não quis saber, ele era o meu bilhete de voo para outra realidade. Falar com o José levava-me a locais onde me imaginava feliz, principalmente Portugal. Aquele país que em tempos achei longínquo, onde as mulheres tinham permissão para sair da janela e voar, passou a ser a minha casa.
Vim para cá enquanto assistente do menino Zé, como hoje tenho aval para o tratar, mas de repente fui substituída. Antigamente , os homens ainda eram vistos como uma espécie literata sobredotada do jeito que fui parar às limpezas, sítio no qual estive até ontem e do qual não sairia com o apoio do pai do José que como muitos outros homens cria que as mulheres deviam era servir um homem.
Mas eu preferi não me redimir.
Voei.
Voei na forma literal da palavra como também entre folhas e folhas de livros aquando da minha licenciatura em Letras. Fiz de mim uma menina homem e serei uma mulher-homem se quiserem. Hoje entro pela primeira vez numa redação onde voarei por certo, sendo que é com todo o orgulho que me torno assim a primeira jornalista-repórter portuguesa.
O meu nome é Virgínia Quaresma e ainda que mulher e preta mudei de ares e agora sou feliz.



A MENINA QUE NÃO GOSTAVA DE BONECAS

**ANA RITA CABRAL
RITA PINHEIRO**

Uma menina tem de ultrapassar a educação conservadora dos pais para realizar o seu sonho de jogar futebol.

Em Alvalade, morava a família Oliveira. Habitavam numa moradia com um grande jardim. Francisca de sete anos, era a mais nova de três irmãos, costumava ver o pai, e os seus irmãos a jogar futebol no jardim da sua casa. Francisca, normalmente, brincava dentro de casa com as suas bonecas, ao pé da sua mãe e avó, enquanto faziam trabalhos domésticos. Francisca, estava sempre a tentar aproximar-se dos irmãos para que brincassem todos juntos, mas eles rejeitavam-na. Costumavam dizer à irmã, que devia brincar com as bonecas porque as brincadeiras deles não eram para meninas. Francisca, ao ouvir aquilo constantemente, sentia-se triste e fechava-se no quarto a chorar. Os pais de Francisca, Nuno e Maria já estavam habituados a esta situação. Era frequente, ouvir Francisca a chorar porque os irmãos não brincavam com ela, e os pais para a acalmar diziam-lhe que aquelas brincadeiras não eram para meninas. Certo dia, os irmãos voltaram a não querer brincar com a Francisca e a avó decidiu convidar a neta para sair. A ligação de Francisca com a avó, era especial e, por isso, Francisca ficou muito empolgada e aceitou o convite. Foram a um parque infantil para que Francisca pudesse brincar com outras crianças. Durante o caminho, Francisca só falou em jogar à bola. A avó, ao ver a neta a jogar à bola com outras crianças,

reparou no brilho dos seus olhos e na felicidade que transbordava. Aproximava-se o aniversário de Francisca e o seu único desejo era receber uma bola de futebol. Francisca ansiava o seu dia de anos. Ao chegar o seu aniversário Francisca sentia-se feliz, os seus irmãos estavam a brincar com ela. Até que chegou o momento de abrir as prendas. Após abrir todos os presentes, Francisca apercebeu-se de que não recebera uma bola, mas uma barbie e outra casa de bonecas. Nos dias seguintes ao seu aniversário, Francisca estava deprimida e não queria brincar com ninguém. Constança, ao ver a tristeza da sua neta, decidiu fazer frente aos pais, oferecendo-lhe uma bola de futebol. Disse-lhe que, sempre que quisesse, podia jogar futebol pois era uma brincadeira para qualquer pessoa, desde que a fizesse feliz. A partir desse dia, tudo mudou. A relação dos três irmãos melhorou, aproximaram-se e começaram a jogar futebol juntos. A avó, inscreveu Francisca, num clube de futebol, para que a neta pudesse jogar frequentemente com outras crianças e seguisse o seu sonho. Os pais acabaram por aceitar o que fazia a filha feliz, apesar de não concordarem.



DE TORTO A DIREITO

GONÇALO SILVA
MARIA AMORIM

*Uma mulher vê o seu sonho de ser advogada
esfumar-se numa sociedade machista.*

Com a chegada do Verão, a luta entre estudar e ir à praia estava cada vez mais renhida, mas esse não era um dilema para Alice. Há dois anos que estudava Direito em Lisboa e planeava ser a melhor advogada do país.

– Saíam todos menos o Rui Norte e a Alice Pacheco, por favor.

Ao ver os colegas sair, respirou fundo. Era o seu momento e ela sabia-o.

– Todos os anos o meu melhor aluno estagia num escritório de advocacia prestigiado. Este ano tive dois, por isso abri uma vaga para meu assistente!
- explicou o professor.

Rui sorriu a Alice, mas ela estava demasiado nervosa para reparar.

– Rui, tens todas as aptidões requeridas pelo estágio, muitos parabéns, é teu! – disse o professor, apertando-lhe a mão.

Feliz, Rui agradeceu e saiu do auditório.

– Parabéns, Alice! Não é todos os dias que tenho uma assistente tão bonita... - comentou o professor, deslizando inapropriadamente os olhos pelo corpo dela

Confusa, arriscou:

– Professor, sem o querer ofender, que aptidões me faltaram para ficar com o estágio no escritório?

– Alice... este ramo exige sangue frio, racionalidade...- disse, arrumando a sua pasta – é muito duro, não há desculpas para “aquela altura do mês”...

– Como assim?! – perguntou ela, quase sem voz, tal era a indignação.

– Os teus pais vão ficar orgulhosos! - consolou-a, passando a mão pelo seu cabelo loiro.

Alice recuou, desconfortável. Ao vê-lo abandonar o auditório, sentou-se no chão a chorar. Olhando em volta reparou no enorme pé direito do auditório e nas doze filas de cadeiras vazias, entre paredes frias. Aquela que antes era a sua zona de conforto era agora um lugar sufocante, enorme, desconhecido, uma desilusão.

Desde criança que escrever era o seu refúgio.

Depois de muitas linhas enxaguadas em lágrimas serem escritas, Alice foi até à sala onde o professor estava com os colegas.

– Não posso aceitar a sua oferta. - gritou, com os olhos ainda vermelhos- o que o professor disse e fez foi repugnante!

Fez-se silêncio e, ao ver os professores boquiabertos, Alice saiu a correr, envergonhada. À porta da faculdade viu Rui a celebrar a sua conquista com amigos.

– Alice! Anda celebrar! - gritou ele.

Ela só se queria esconder. Sentia um misto de frustração e raiva. Afinal, ela tinha participado em muito mais aulas do que Rui.

Passou uma semana e Alice deixara de ir à faculdade.

O seu quarto cheirava a comida, tinha dezenas de lenços de papel no chão, que se confundiam com páginas arrancadas do código penal. O seu sonho - ser advogada já não parecia exequível.



ILUSTRAÇÃO DE
RICARDO DIOGO, 2021

